

## Resenha

CARSTEN, J. **After Kinship** Cambridge University Press: Cambridge, 2004.

Victor Hugo Martins Kebbe da Silva<sup>1</sup>

Torna-se cada vez mais comum ao sintonizarmos a televisão em algum telejornal encontrarmos notícias bastante polêmicas quanto à “ética” das pesquisas científicas envolvendo a reprodução humana: temas como “clonagem” e “reprodução in vitro”, por exemplo, entram cada vez mais no vocabulário destas pessoas que acompanham tais discussões de grande importância política. Nunca se falou tanto em testes de paternidade pelo teste de DNA, seja para revelar laços de parentesco com personalidades famosas como até em programas de auditório...

Com o advento destas novas tecnologias de concepção e reprodução não só as pessoas agora estariam quase que obrigadas a pensar e repensar continuamente a noção de família, como também a própria antropologia precisaria visitar um dos seus objetos mais caros: o parentesco. Sendo para alguns o ponto de contato entre Natureza e Cultura, o parentesco estaria agora sob novo enfoque uma vez que com este cientificismo corrente deste século XXI a própria noção de “Natureza<sup>2</sup>” seria posta à prova.

É com o intuito de fazer uma análise do parentesco da antropologia dos dias de hoje que Janet Carsten propõe em *After Kinship* (2004) uma reflexão crítica de como o parentesco foi e tem sido tratado por nossa disciplina que, preso à dicotomia Natureza/Cultura, precisaria ser reavaliado nos dias de hoje. Não é à toa que a autora pontua o livro primeiramente com base em três exemplos bastante representativos de como a clássica dicotomia dentro do parentesco se vê questionada, começando pelo caso da inglesa Diane Blood que em 1996-1997 provocou grande discussão nos jornais da Grã Bretanha por ter extraído o esperma do falecido marido sem autorização escrita alegando o objetivo de perpetuar a família e a memória do esposo, entrando por sua vez em choque direto com as percepções das leis inglesas sobre concepção. O segundo exemplo se refere ao Estado de Israel e sua relação com estas tecnologias reprodutivas, mais especificamente da proibição do *Halakha*<sup>3</sup> quanto à

---

<sup>1</sup> Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFSCar, bolsista da Capes.

<sup>2</sup> Se SCHNEIDER (1984) problematiza sobre a própria dicotomia Natureza/Cultura, STRATHERN (1992) recoloca a discussão à tona ao mostrar que, diante destas novas tecnologias de reprodução assistida, a própria noção de natureza é também construída assim como a cultura, idéia também percebida por CARSTEN (2004), esta última propondo por fim uma reavaliação da dicotomia para o estudo do parentesco.

<sup>3</sup> Lei inscrita na religião judaica.

masturbação<sup>4</sup>, um paradoxo se pensarmos que Israel é um dos países cujas tecnologias de reprodução assistida são bastante sofisticadas. O terceiro exemplo se refere à Anna, uma escocesa por volta dos seus trinta anos e que foi adotada quando criança, que mesmo já sendo mãe e tendo sua família estabelecida, agora em uma busca pela sua mãe biológica.

Carsten (2004) propõe com tais exemplos que as relações pessoais no âmbito privado, da família, com a sociedade e com o Estado-nação podem ser pensadas em termos de Casa, Gênero, Pessoa e Substância, aspectos<sup>5</sup> relativos justamente à natureza do parentesco, foco principal do seu livro. Através de investigações nestas esferas seria possível, através de uma análise comparativa do parentesco, encontrar o que é “natural” e o que é “cultural” no parentesco, ou seja, o que é “dado” e o que é “construído”, prosseguimento direto da crítica de Schneider (1984) às percepções antropológicas do parentesco de até então, estas que estariam todas fundamentadas nas percepções ocidentais de família, sangue-substância<sup>6</sup>. Nesse sentido, pensar nos laços de parentesco através da reprodução sexual e unicamente em termos “biogenéticos” seria um traço da sociedade ocidental, portanto, não universal, sendo necessária uma nova abordagem das relações que chamamos de parentesco.

Para tanto, a autora parte da idéia de *relatedness* – ou “relacionalidade”: “no seu sentido mais amplo, *relatedness* (ou parentesco) é simplesmente as maneiras como as pessoas criam similaridade ou diferença entre si próprios e os outros” (CARSTEN, 2004: 82), seja na noção de casa, do gênero, etc, estes encontrados de formas variadas em diferentes sociedades. O deslocamento de um estudo clássico de “parentesco” para as “relacionalidades” abriria assim as portas para novos tipos de análises sobre o próprio parentesco em si.

Para Carsten (2004) uma das primeiras instâncias em que podemos verificar as “relacionalidades” em funcionamento é a Casa, como observado no seu estudo etnográfico entre os malaios de Pulau Langkawi e apresentado no

---

<sup>4</sup> A questão é mais séria do que parece: ao proibir a masturbação, como conceber um filho *judeu* por técnicas de reprodução assistida já que o pai não pode doar o sêmem, ou seja, qual o *status* dessa criança em Israel? Pensando neste problema o rabinato estabelece que, pelo caráter distintivo de ser judeu estar com origem na mãe e não no pai, a reprodução assistida nestes casos só poderia ter um esperma de um não-judeu. Como o nascimento de judeus é importante para o estado de Israel, este governado pelas leis judaicas, podemos observar aqui que existe uma fronteira bastante diluída entre parentesco e nação, como Carsten assim explora com mais afinco no capítulo “*Families into Nation: The Power of Metaphor and the Transformation of Kinship*”.

<sup>5</sup> Para CARSTEN (2004) estas instâncias todas são maneiras alternativas de enxergar o mesmo conjunto de questões do mundo vivido, sendo o foco da antropologia dos anos de 1980 que naquele momento deixava de privilegiar o estudo do “parentesco” em específico. Nesse sentido, a autora propõe “refazer” o estudo do parentesco realizando assim uma análise comparativa de várias sociedades em relação à Casa, Pessoa, Gênero e Substância para pensar na construção do parentesco em si.

<sup>6</sup> Questão que é amplamente abordada no capítulo “*Uses and Abuses of Substance*”. CARSTEN (2004) demonstra que uma das saídas dos estudos antropológicos dos anos de 1980 foi o estudo da noção de Substância, “*a kind of catch-all term that can be used to trace de bodily transformation of food into blood, sexual fluids, sweat, and saliva, and to analyze how these passed from person to person through eating together, living in houses, having sexual relations, and performing ritual exchanges*” (CARSTEN, 2004:109).

Capítulo “*Houses of Memory and Kinship*”: “sugiro (...) que o parentesco é *feito* nas casas através do compartilhamento íntimo de espaço, comida e criação que se dá dentro do espaço doméstico”<sup>7</sup> (CARSTEN, 2004:35), circunstância em que o parentesco é “feito”, produzido processualmente através da comensalidade e convivência e não “dado” de antemão.

Uma vez que este processo de produção do parentesco através das “relacionalidades” passa pela casa, ele também deve ser pensado quanto ao gênero, a produção dos corpos e da pessoa<sup>8</sup>, estes socialmente variados. Pensar na “procriação, relações entre parentes, corpos, pessoa, gênero e alimentação”<sup>9</sup> (CARSTEN, 2004:132) implica em observar também outra forma de idioma do parentesco<sup>10</sup>, a substância, uma maneira para compreender o parentesco de modo mais processual, “olhando para como as pessoas se constituíam através de suas relações com os outros”<sup>11</sup> (CARSTEN, 2004:109). Através de variados exemplos etnográficos a autora mostra que a substância não pode ser encarada unicamente como algo imutável e permanente como assim foi entendida no Ocidente, mas algo fluido e em constante transformação tão logo exista o contato entre as pessoas no cotidiano.

Diante de sua percepção de “relacionalidades” e dos três exemplos supracitados, para a autora estes marcam situações que são permeadas com as idéias de parentesco, falam no idioma do parentesco, porém em que a relação entre Natureza e Cultura – assim como as suas derivações posteriores Biológico/Social e Substância/Código – é entrelaçada e cuja diferenciação ou de outro da dicotomia não é clara. Se o “grande divisor” (LATOUR, 1994) não pode ser tão facilmente resolvido, para a criação de uma análise comparativa do parentesco eficiente um projeto de estudo dentro deste “novo parentesco” deveria antes de tudo colocar a clássica dicotomia sob escrutínio – abandona-la ou refaz-la – para compreender as maneiras como as diversas sociedades entendem o que é “dado” e “construído” ou que é “biológico” e “social”.

---

<sup>7</sup> Tradução livre do inglês.

<sup>8</sup> Para retomarmos os exemplos anteriores da autora quanto à luta de Diane Blood pela concepção com o esperma de seu falecido marido, quanto à procura de Anna pela sua mãe biológica ou mesmo quanto à articulação do estado israelense e do *Halakha* para a possibilidade de reprodução assistida, para CARSTEN (2004) são questões que perspassam pela maneira como a pessoa é construída e percebida nestes contextos culturais, assim como estas mesmas noções de pessoa estão atreladas às “crenças de procriação, das implicações de ser parente ou não, das idéias sobre o corpo e da própria percepção do *self*” (CARSTEN, 2004: 84), tradução livre do inglês.

<sup>9</sup> Tradução livre do inglês.

<sup>10</sup> A opção de CARSTEN (2004) para estas idéias de casa, gênero, corpo, pessoa e substância da teoria antropológica dos anos de 1980 se dá pelo fato de serem, segundo a autora, “*idioms of kinship that are not traced to sexual procreation, and reproductive technologies*” (CARSTEN, 2004:185)

<sup>11</sup> Tradução livre do inglês.

## Referências

- LATOUR, B. *Jamais Fomos Modernos*, Ed 34, São Paulo, 1994.
- KUPER, A. *Cultura – A Visão dos Antropólogos*, EDUSC, Bauru-SP, 2002.
- SCHNEIDER, D. *A Critique of the Study of Kinship*. Ann Arbor, University of Michigan Press, 1984.
- STRATHERN, M. *Reproducing the future: Essays on Anthropology, Kinship and the New Reproductive Technologies*. Routledge, New York, 1992